

DESIGUALDADES SOCIAIS E OPORTUNIDADE EDUCACIONAL A PRODUÇÃO DO FRACASSO

Carlos A. Hasenbalg
Do Centro de Estudos
Afro-Asiáticos/RJ e do
Instituto Universitário de
Pesquisas do Rio de
Janeiro — IUPERJ

S

e eu tivesse que resumir em poucas palavras e, de uma maneira simplificada, os resultados da pesquisa recentemente concluída pela equipe da Fundação Carlos Chagas¹, diria que o negro, frente à educação, enfrenta três impasses (algo que todos nós suspeitávamos e que agora está confirmado com luxo de detalhes). Esses impasses seriam, para mim, os seguintes: primeiro, o negro ingressa ou não ingressa no sistema formal de ensino? Segundo: o negro consegue vencer a barreira da 1ª série do 1º grau, enfim, consegue se alfabetizar ou não? Terceiro impas-

se: o negro consegue completar as quatro primeiras séries do 1º grau, o antigo primário? Acho que esses seriam os três impasses básicos, não só em São Paulo, mas também no Brasil; talvez mais para o resto do Brasil, porque São Paulo apresenta indicadores educacionais bastante privilegiados dentro do contexto brasileiro.

Há uma tese de mestrado defendida em 1979 no IUPERJ, que traz contribuições importantes, tam-

bém, para esta questão. Essa tese combina a análise quantitativa de dados, colhidos numa pesquisa tipo *survey*, com uma análise qualitativa de entrevistas com professores e observação participante. Considero que essa tese, em certo sentido, complementa os resultados da pesquisa da Fundação Carlos Chagas. A leitura dos dois textos enriquece o resultado de um e de outro.

Maria Teresa Ramos Dias (falecida tragicamente em março de 1980, no dia da inauguração do doutorado do IUPERJ) é a autora do trabalho. Ela procurou, no seu estudo sobre o sistema de ensino primário no Rio de Janeiro, confirmar a teoria do sociólogo francês, Pierre Bourdieu, segundo a qual as crianças das classes populares, através de sua socialização primária dentro da família, não adquirem o capital cultural e lingüístico que as habilita a decodificar o tipo de mensagem que a escola transmite, mensagem que está, digamos assim, armada em termos do que Bourdieu chama de "cultura dominante ou cultura legítima". Um dia Maria Teresa chegou com um conjunto de tabelas nas quais apareciam resultados que não batiam em absoluto com a teoria do capital cultural e lingüístico. As tabelas indicavam que em escolas de classe média, alunos pobres tinham um bom desempenho e, vice-versa, em escolas de classes populares, alunos de classe média tinham um baixo desempenho. Ou seja, o aluno de classe social diferente da clientela modal da escola tinha seu desempenho próximo à média da escola. Ora, se alunos pobres tinham um bom desempenho nas escolas de classe média, a teoria do capital cultural e lingüístico não estava correta. A partir dessa constatação ela procurou verificar o que estava acontecendo, porque a teoria de Bourdieu não se confirmava no caso do Brasil — pelo menos do Rio de Janeiro — onde ela trabalhou com quatro escolas da rede municipal de ensino primário.

No plano da análise quantitativa, Maria Teresa organizou os dados de duas formas complementares. Em primeiro lugar, agrupou os dados referentes aos alunos das quatro escolas, estabeleceu correlação entre origem social e desempenho escolar classificado em duas categorias: sucesso e fracasso escolar. Através dessa análise, constatou para o conjunto dos alunos freqüentando as quatro escolas, uma fortíssima correlação entre desempenho e nível sócio-econômico: alunos pobres — fracasso escolar, demorando mais de dois anos para se alfabetizarem; alunos não-pobres ou de classe média — altas taxas de sucesso, alfabetização em até dois anos.

O segundo passo — e aqui é que destaco o as-

1 Em 1986, a Fundação Carlos Chagas e o Conselho de Participação e Desenvolvimento Negro, a pedido da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, realizaram um *Diagnóstico* sobre a situação educacional do negro no Estado. O trabalho consta de três partes: uma revisão bibliográfica dos estudos e pesquisas que trataram direta ou indiretamente, da situação educacional do negro no Brasil; uma revisão dos estudos e pesquisas, sobre a discriminação racial em materiais didáticos e paradidáticos; e, finalmente, uma análise dos dados sobre a educação de segmentos raciais, a partir de informações coletadas pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística — IBGE.

pecto interessante — é que, quando se efetua essa mesma análise entre origem social e desempenho, porém dentro de cada escola, essa correlação praticamente desaparece. O que isto quer dizer? Isto quer dizer que através de certos mecanismos, as escolas primárias públicas tendem a recrutar clientela socialmente homogêneas. Obviamente que há um pequeno grupo de alunos que são desviantes, mas há um mecanismo pelo qual as escolas primárias criam uma clientela socialmente homogênea. Ou seja, a escola recruta, majoritariamente, alunos de classe média ou, majoritariamente, alunos pobres. A partir dessas características sociais da clientela, a escola cria uma norma institucional de desempenho tal que, se a clientela é de classe média, o desempenho da escola é bom, a taxa de sucesso é altíssima; se a clientela é pobre, a taxa de fracasso é altíssima.

Por que ocorre esse mecanismo de constituição de clientelas relativamente homogêneas do ponto de vista da sua origem social? Um dos motivos é que o equipamento social, as escolas estão distribuídas na cidade — no caso do Rio de Janeiro — para atender às crianças de determinadas regiões, de partes da cidade; e como todos sabem, as classes sociais estão espacialmente segregadas. Isso significa que uma escola implantada na periferia do Rio de Janeiro vai absorver fundamentalmente uma clientela pobre; uma escola na zona sul vai absorver uma clientela predomi-

nantemente de classe média. Esse é um dos mecanismos que explicam a constituição de clientelas escolares relativamente homogêneas, mas há outros. Por exemplo, pensemos nas partes da cidade que são socialmente heterogêneas. Entre Ipanema e Leblon se situa a Cruzada São Sebastião, que é um conjunto habitacional de população pobre. Ou então, na Gávea, onde reside uma parte da burguesia do Rio de Janeiro ao lado da Rocinha. Nesse tipo de região, ou em partes da cidade onde vive uma população muito heterogênea, também se reproduz um mecanismo tal que, a criança da favela ou a criança da Cruzada São Sebastião vai para um tipo de escola e a criança de classe média vai para outra escola, que podem estar à distância de uma, duas quadras uma da outra. Há toda uma série de mecanismos discriminatórios de admissão, de forma que a escola de classe média, que tem que defender o seu status, que tem que defender a sua imagem, que tem que defender o seu desempenho recusa a criança pobre. Esta é, então, encaminhada para outra escola, que vai ser tipicamente de criança pobre ou de criança favelada.

Através desse tipo de mecanismo é que as escolas constituem essas clientelas homogêneas. A partir da constituição dessas clientelas homogêneas, a escola desenvolve um padrão ou norma de desempenho. A escola de padrão social mais alto possibilita um bom desempenho (e as diferenças são brutais,



são diferenças que vão de 80/90% de sucesso nas escolas de clientela mais rica, de classe média, para 60/70% de fracasso nas escolas de clientela mais pobre). Este mecanismo ocorre mesmo em escolas do sistema público que, supostamente, deveriam oferecer educação igual para todos.

Por que isso ocorre? Aqui destaco alguns subsídios dessa pesquisa que ajudam a entender parte das constatações verificadas na pesquisa da Fundação Carlos Chagas e que apelam por muita atenção quando se pensa em termos de políticas públicas que possam vir a mudar esta situação. Até agora eu estava falando em termos de classe social. E como é que entra a raça? O que Maria Teresa observa é que à igualdade de origem social, o aluno negro apresenta o pior desempenho (o que coincide com a pesquisa daqui). Isto é, a criança negra, em geral, mesmo que seja da mesma classe social da criança branca tem um desempenho pior. Como é que se explica esse desempenho? Se explica, fundamentalmente, através desse mecanismo de seleção. Mesmo considerando crianças da mesma classe social, as crianças negras tendem a ser recrutadas para escolas de alunado mais pobre. É via tal mecanismo de seleção que a criança negra acaba se dirigindo às escolas que atendem a clientela mais pobre. É através desse mecanismo de seleção ou de absorção que o aluno negro acaba apresentando um desempenho escolar mais fraco do que os alunos brancos da mesma classe social. Procurando entender este mecanismo — conversando com os professores, observando como funcionam as escolas de morro e as escolas de classe média — Maria Teresa notou que os professores estão muito mal aparelhados para lidarem com essas heterogeneidades do alunado: heterogeneidades de classes, heterogeneidades étnicas ou raciais. Basicamente a idéia é de que a atuação do professorado está permeada pela ideologia que legitima as desigualdades sociais, moldando sua percepção sobre a clientela: quando se trata de um professor que trabalha em escola para classe média, existe o que Maria Tereza chama de um “otimismo educacional”, ou seja, o relacionamento com os pais da criança é bom, a imagem da escola é preservada, o professor se empenha para que os alunos tenham efetivamente um bom rendimento, porque há que manter a imagem dessa escola como uma escola boa. Todos se orientam para a produção do sucesso escolar das crianças. Nas escolas de clientela pobre, onde obviamente a criança negra está sobre-representada, ocorre exatamente o oposto. Aí o que existe é o que Maria Tereza chama de “ideologia da impotência”. A percepção que os professores têm desse alunado é que eles são filhos de pais bêbados, de pais desempregados, de famílias incompletas, que os meninos vêm sujeitos para a escola, que não prestam atenção, etc. Muitos componentes dessa profecia se auto-realizam. Uma definição inicial da situação — eu percebo meus alunos como não educáveis, porque vêm de famílias problemáticas, porque eles mesmos são problemáticos, sujeitos, mal alimentados — afeta os resultados, mesmo quando ela é falsa: eu defini essa

criança, logo de início, como não educável e a minha atuação pedagógica vai ser tal, que as crianças vão acabar não sendo educadas. Portanto, minha definição inicial, mesmo quando é falsa, se realiza no processo educacional. Então, considero que este seja o mecanismo básico que explique o resultado diferente produzido por escolas públicas que, supostamente, deveriam promover um mesmo tipo de educação. Parece-me que esse é um dos aspectos que ajudam a explicar os resultados da pesquisa da Fundação Carlos Chagas.

Resumindo, destaco esses dois fatores que explicariam a diferença de rendimento escolar entre alunos ricos e pobres, brancos e negros: um mecanismo de recrutamento, ou seja, o aluno negro ou o aluno pobre é absorvido pela rede escolar de maneira diferente do aluno de classe média ou não pobre; uma vez constituída esta clientela socialmente homogênea, os professores atuam no sentido de reforçar a crença de que os alunos pobres e negros não são educáveis.

Considero que não se deve parar na constatação de que as escolas funcionam assim, mas pensar um pouco na maneira de melhorar esta situação. Porque isso me reporta a um outro capítulo do *Diagnóstico* da Fundação Carlos Chagas, que é o capítulo do problema do racismo dos textos escolares e da Literatura Infante-Juvenil. Eu diria que esta questão passa a ser importante quando o aluno tem oportunidade de permanecer na escola. O problema é que a criança que frequenta a escola durante um ano e repete a 1ª série se evade da escola. Até o final da 1ª série do 1º grau o livro didático nem chega a ser importante. A criança não tem oportunidade de entrar em contato com o racismo do livro didático.

Penso, então, que são várias as frentes de implantação e planejamento de políticas educacionais visando eliminar as desigualdades sociais e raciais produzidas dentro do sistema de ensino público e gratuito. Não estou falando, aqui, da diferença que possa existir entre o rendimento da escola pública e da escola privada, que atende a classe média alta, mas estou simplesmente pensando na educação elementar oferecida pela escola pública. É a escola pública, e no nível elementar, que produz estas atrocidades que estão relatadas nestas duas pesquisas a que me referi.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DIAS, M.T.R. *Desigualdades sociais e oportunidade educacional* — a produção do fracasso. Rio de Janeiro, 1979. Dissert. (mest.) IUPERJ.
- FUNDAÇÃO Carlos Chagas. *Diagnóstico sobre a situação educacional de negros (pretos e pardos) no Estado de São Paulo*. São Paulo, 1986. 2 v.